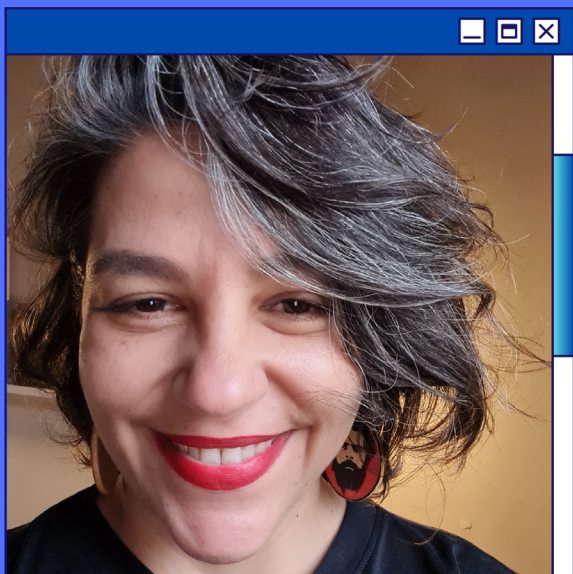


Tecnobiografia



**ANA ELISA
Costa NOVAIS**



ANA ELISA

Costa NOVAIS

led

Tecnoapresentação

Há pelo menos três décadas, temos contato com estudos que se debruçam sobre as relações entre linguagem e tecnologias, buscam compreender como as tecnologias digitais influenciam nossa vida, mas também a educação, os letramentos, a comunicação e muito mais. Há muito tempo lemos os textos e livros publicados por pesquisadoras e pesquisadores absolutamente fundamentais para nossas reflexões, na maioria das vezes em obras derivadas de investigações científicas ou em artigos formatados conforme as normas da ABNT, em linguagem acadêmica. Nesta série de livros, resolvemos conhecer um pouco as pessoas por trás dos pesquisadores e pesquisadoras, livros e artigos. Como foi o primeiro contato desses professores e professoras com computadores, smartphones, aplicativos? Quando isso aconteceu e por quê? Que relação essas pessoas mantêm com as tecnologias e como chegaram à conclusão de que dedicariam muitos anos de suas vidas à investigação científica de temas e objetos tecnológicos? Nossa curiosidade biográfica nos levou então a fazer um convite a alguns docentes Brasil adentro. Nosso pedido era simples: conte-nos sua vida com as tecnologias digitais? Como tudo começou? Quais foram suas primeiras impressões? O que você sentia? Conte isso em linguagem livre; são permitidos afeto e memória.

Bem, a série Tecnobiografias nasceu assim e estamos felizes por realizá-la no âmbito de uma parceria entre o projeto de extensão (núcleo de atividades formativas em Letras/Edição) Aula Aberta e a LED, editora laboratório do nosso bacharelado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Vale dar uma boa olhada na página de créditos destes livros, onde explicitamos a enorme equipe de estudantes e professores envolvida nesta empreitada editorial, vale dizer, estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação.

O primeiríssimo convite para escrever uma autotecnobiografia foi à professora Vera Menezes, da UFMG, pioneira em estudos de linguagem e tecnologia, referência sobre o assunto na Linguística Aplicada e áreas conexas. A ideia de trabalhar com tecnobiografias nos chegou por meio dela e assim, o feitiço abraçou a feiticeira. Para nossa alegria, a professora Vera aceitou o convite imediatamente e foi rápida na entrega do texto original.

Na sequência, chamamos outras pesquisadoras e outros pesquisadores de linguagem e tecnologia, que nos ajudarão a realizar uma série de deliciosas tecnobiografias escritas por eles e elas, exclusivamente para o nosso projeto. A série não prevê um fim, ficará em aberto, sem limites visíveis. Infelizmente, perdemos a chance de conhecer a tecnobiografia da professora Magda Becker Soares (UFMG), que faleceu em 1º de janeiro de 2023, sem nos entregar um original. O aceite rápido e carinhoso que ela nos enviou, um dia, jamais será esquecido. É por isso que dedicamos então esta série a ela, que tanto nos ensinou sobre aprender a ler e a escrever, inclusive na cibercultura.

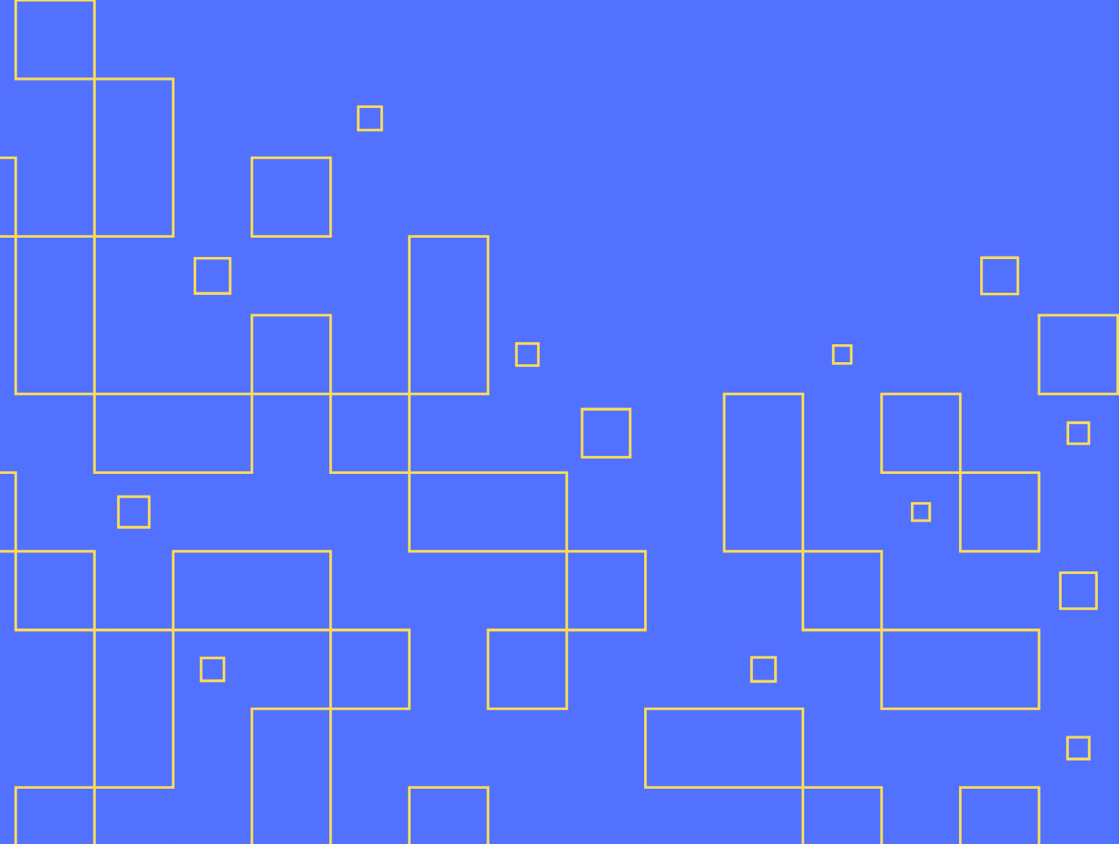
Neste quinto volume, a professora Ana Elisa Costa Novais, do Instituto Federal de Minas Gerais — IFMG —, nos conta brevemente sobre seu percurso em contato com as tecnologias digitais, e como, a partir delas, se tornou educadora da área técnica e tecnológica. Ela também nos traz reflexões importantes sobre nossas relações com os dispositivos digitais.

Boa leitura!

Ana Elisa Ribeiro
DELTEC · CEFET-MG/ CNPq

Alicia Teodoro da Silva
Mestranda em Estudos de Linguagens - CEFET-MG

Tecnobiografia



Do jardim analógico ao mundo selvagem das plataformas

Mensagem de alerta do sistema

A primeira parte deste texto foi escrita como introdução da minha dissertação de mestrado, defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. Pesquisei leitura e navegação nas interfaces gráficas digitais. A internet se descolava cada vez mais do impresso. Estava ficando claro que as interações genuinamente digitais precisavam criar soluções próprias à qualidade de suas *affordances*. A transparência, a ubiquidade e a intuitividade eram parâmetros para uma interface “amigável”.

A segunda parte do texto é resultado da releitura do primeiro, continuidade e definição de um ponto de chegada. Colocar em

perspectiva esses anos que estabeleceram a era das plataformas digitais ajuda muito a entender os caminhos e escolhas que percorremos e o que ainda é preciso entender. Mais ainda, sobre o que é preciso resistir, mediar, normatizar e legislar.

Prelúdio Analógico

Fui aluna do curso de datilografia das Obras Sociais Nossa Senhora da Glória, em Passagem de Mariana, no final dos anos 1980. Eu tinha entre 11 e 13 anos. Meus pais acreditavam que esse curso seria importante para minha formação, e me colocaram também no curso de crochê, que era frequentado somente por meninas. A mesma professora lecionava datilografia e crochê para turmas bastante diferentes.

O curso de datilografia tinha mais meninos do que meninas, alguns já rapazes, outros já adultos. As atividades repetitivas deveriam ser rigidamente executadas sob o olhar exigente de dona Amélia. ASDFG ASDFG ASDFG. Uma página inteira. Depois o outro lado. Nas aulas avançadas, a gente copiava parágrafos e depois textos inteiros. São habilidades relativamente complexas de se desenvolver. A prática e a repetição eram fundamentais para o domínio das técnicas. Além do mais, as aulas não eram tão leves quanto as de crochê. Talvez porque na datilografia os colegas eram homens mais velhos. Talvez porque na minha família eu não tivesse nenhuma referência de mulher escritora ou professora ou qualquer outra função profissional exercida por uma mulher letrada. No crochê, eu tinha uma aplicação bem prática: a roupa das bonecas, os paninhos para o cenário, fantasia feita à mão.

Sendo digital offline

Um tempo depois de me formar no curso de datilografia, tive contato com o computador pela primeira vez: observava meu irmão digitar um texto. Achei maravilhosa a forma como aquela

máquina tornava a tarefa das aulas de datilografia muito mais fácil e rápida. O teclado era mais complexo, com mais funções. Tinha uma tecla que apagava o texto! Era muito surpreendente ver a resposta imediata da tela aos comandos do mouse ou do teclado. Coisas aconteciam como mágica.

Sentada na frente do micro, minha primeira reação foi treinar o que havia aprendido com a professora de datilografia. Passei a tarde escrevendo, apagando, escrevendo. Feliz por não ter que digitar com todos os dedos e sempre no mesmo ritmo. Quando o texto alcançou o limite da linha, fiz associação com a máquina de escrever: procurei a tecla que me permitia escrever na próxima linha. E assim fui: escrevendo, apagando, escrevendo. Meu irmão me ensinou a aumentar a fonte, colori-la e mudar o seu desenho. Reproduzi, na tela, um poema do qual gostava muito. Orgulhosa do meu trabalho, tratei de garantir que ele não se perdesse: pedi para que meu irmão fizesse uma cópia em papel. Ele me ensinou então a utilizar o mouse: “você deve levar esta setinha até o desenho que parece uma impressora e apertar o botão esquerdo com seu dedo indicador”. Depois apaguei tudo com a tecla que acabara de conhecer (letra por letra) e saí feliz da vida com a poesia reproduzida na tela e de novo no papel.

Muitas das minhas experiências iniciais com um programa editor de textos estavam ancoradas nas aulas de datilografia: eu pressionava a tecla ENTER quando chegava ao final de uma linha; dividia as palavras com hífen, também ao final da linha; dava alguns espaços antes de iniciar um parágrafo, para marcar essa convenção; outros, mais para começar a digitar no meio da linha.

O sistema operacional utilizado naquela época era o Windows 3.11, que ainda trazia resquícios da metáfora da área de trabalho, mas que se estabeleceu explorando a metáfora das janelas. Uma janela, nesse sistema, era uma área delimitada por uma forma retangular, onde situavam-se os acessos aos diferentes recursos do sistema. Janelas eram ótimas referências para organizar ícones.

Ao me deparar com o desenho de uma aquarela, cliquei para conferir do que se tratava. Quando o programa abriu, exibiu com uma janela com uma grande área branca, parecida com a tela do editor de textos. Pensando em uma aquarela, fiquei imaginando o que seria possível fazer ali naquele espaço. Movia o mouse para todos os lados, não acontecia nada. Até que segurei o botão esquerdo e, ao arrastar o mouse, um traço foi feito na tela. O mouse ali funcionava como um lápis! Rabisquei, desenhei, mudei as cores, descobri vários recursos, fiz um desenho e imprimi. Fiz vários e imprimi. Recebi uma bronca porque estava gastando toda a tinta da impressora e aprendi a guardar meus desenhos no computador.

Essa foi uma das maiores mágicas do digital. Comecei a pensar em como aquilo era possível. Como o computador podia fazer tudo isso? Onde é que meus desenhos estavam guardados? Nem imaginava o quanto ignorar essas respostas nos fez hoje tão dependentes e suscetíveis às interfaces e às plataformas.

Saltitante pré-história da internet

Foi em 1993 quando vi a Internet pela primeira vez. Era aluna do curso de Informática Industrial, na Escola Técnica Federal de Ouro Preto¹. Quando meu irmão, que também era meu professor, me chamou em sua sala para “ver a internet”, achei que iria me deparar com qualquer coisa, menos com uma tela cheia de letras e códigos. Era, para mim, bastante indecifrável e muito pouco impactante. Não entendi direito como funcionava. “Ver a internet” me pareceu uma experiência sem significância.

Só depois, durante o estágio no laboratório de Informática Educacional, usando a Internet, é que fui entendendo os limites e as possibilidades de seus conteúdos e de suas interações. Eu já tinha habilidade para lidar com interfaces gráficas, e havia usado pouco ou quase nada de interfaces baseadas em texto. Tinha uma

¹ Atual curso de Automação Industrial no IFMG campus Ouro Preto.

noção básica de programação, sabia o que era um algoritmo. Mas foi no bate-papo do Uol e nos fóruns de discussão que aprendi a usar a Internet para além do www e do e-mail, ou pelo menos até a chegada do Orkut - mas isso foi alguns anos depois.

Meu trabalho como estagiária do laboratório de Informática Educativa do IFMG era preparar materiais didáticos para os servidores da instituição e ofertar pequenas oficinas sobre o uso do Windows e do pacote Office. O mundo ainda era muito mais offline do que online. A conexão com a Internet ainda era predominantemente discada.

Eu tinha o privilégio de ficar um turno inteiro na frente de um computador com conexão rápida e ilimitada. Minhas tardes se resumiam a pesquisas sobre informática educacional e uso dos softwares e sistemas que eu ensinava. Também investia um bom tempo no bate-papo do Uol. Penso que o bate-papo tenha sido a primeira rede social de que participei ativamente, em que fiz amigos, criei vínculos, transitava sem dificuldades, sabia fazer previsões e conhecia os riscos superficiais.

Após me formar técnica em Informática Industrial, fui trabalhar com instalação de computadores pessoais em Mariana, Minas Gerais. Foi um período de muitas histórias interessantes, fruto dessa primeira (ou segunda?) geração de computadores domésticos. Uma vez, fui chamada de volta a uma casa onde havia acabado de instalar um computador porque a máquina estaria contaminada com um vírus. Quando cheguei, a tela estava em modo descanso, com uma animação de insetos bem psicodélica. Também já fui chamada algumas vezes porque as pessoas não conseguiam desligar os computadores, simplesmente porque não encontravam o comando Desligar entre as opções acionadas pelo botão Iniciar. Faz todo sentido, não?

Também atuei, nesse mesmo período (final dos anos 1990), como webdesigner. Desenvolvia sites para estabelecimentos

comerciais diversos. Eram sites estáticos, basicamente organizados em uma arquitetura bastante padrão: uma página inicial, com links dispostos em um menu, que levavam para as subpáginas e suas ramificações. Eu me orgulhava de saber um pouco de programação e conseguir editar alguns scripts de animação em fotografias. Algo bem rudimentar.

Em 1998, acompanhei a instalação de um Laboratório de Informática em uma escola particular da Educação Básica. Era um laboratório offline, em uma cidade que já tinha acesso doméstico, mesmo que restrito, à Internet discada. Eu atuava como técnica em informática e professores de diversas áreas foram convidados a lecionar também Informática Instrumental, incluída no currículo de todas as séries e níveis de ensino, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Em seis meses, os professores começaram a abandonar a disciplina e fui assumindo-as gradativamente. No ano letivo seguinte, eu já era professora de Informática de todos os alunos da escola, aos 19 anos.

A essa altura, atuando há algum tempo como professora de sistemas e aplicativos (era mais ou menos isso que eu era), meus objetivos pedagógicos giravam em torno de fazer os alunos compreenderem:

- a) há uma sequência de ações que precisa ser respeitada;
- b) há um sentido nessa sequência, segundo a lógica de navegação digital;
- c) entender o sentido ajuda a memorizar a sequência.

Além dessas preocupações técnicas de desenvolvimento das habilidades de navegação, eu também buscava criar oportunidades para os alunos produzirem seu próprio conteúdo e pensarem sobre essa produção.

Meus alunos se lembram até hoje das aulas de como montar slides no PowerPoint (acadêmicos, profissionais e até narrativos)

ou ainda das aulas em que jogávamos Carmen Sandiego ou algum emulador de Atari — nas “aulas livres”, as preferidas. Aos poucos, pesquisando sobre o lugar dos computadores na escola e fui deixando de ser a professora instrumental para atuar como coordenadora. Sem a disciplina de Informática Instrumental no currículo, eu ajudava os professores a desenvolver atividades digitais que pudessem ser úteis para o aprendizado de determinado conteúdo.

Nesse período, já havia acesso à Internet no laboratório e tentei convencer a direção a adotar recursos educacionais abertos e gratuitos da rede, mas a escola preferiu aderir a um pacote de conteúdo digital privado. Era o auge da multimídia, que só rodava offline, com CD-ROM, já que a Internet ainda era bastante textual. Eram dois mundos a administrar: o dos conteúdos fechados, planejados para um público muito genérico, mas com qualidade gráfica e interfaces superatraentes; e outro estático, cheio de textos, com interfaces ainda não tão amigas, com regras ainda não muito claras, mas cheio de conteúdo importante, relevante, essencial. Eu tentava transitar entre ambos.

Nesse período, eu também cursava Letras na Universidade Federal de Ouro Preto. Meu contato com os computadores, na universidade, se resumiu à realização de trabalhos no Word e ajuda tecnológica a alguns docentes ligados a projetos de que participava. Não cheguei a fazer nenhuma disciplina que discutisse a relação entre as tecnologias digitais e o ensino de Língua Portuguesa. Tenho aprendido, na prática e por vários caminhos, a ser uma professora digital. Acho que estamos ainda aprendendo, em rede.

Durante o curso de Letras, comecei a trabalhar em uma escola de Educação Básica como professora de Informática, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Em contato com pesquisas e experiências na área de Informática na Educação, encontrei abordagens de trabalho coerentes com o que imaginava

fazer sentido para o aprendizado de um instrumento como o computador: esse aprendizado deveria ser contextualizado e fazer parte da execução de uma atividade específica, como a criação de um desenho que ilustrasse um conceito desenvolvido em sala de aula por alguma disciplina ou a produção de um texto com os mesmos fins. Mesmo ainda a partir dessa abordagem instrumental, que enfoca o aprendizado da ferramenta e não o do conteúdo curricular, considerava essa noção mais coerente com o que via nos cursos de Informática encontrados no mercado. O aprendizado acontece sempre imerso em algum contexto, a partir da construção de sentidos.

Em todos os contextos nos quais atuei como professora de Informática, sempre introduzia as aulas com uma explicação sobre o contexto do surgimento dos computadores, como e por que eles se transformaram em equipamentos domésticos, qual a lógica que está por trás da “mágica” (o sistema binário e a redução de qualquer coisa a 0 e 1), como cada parte do computador se comunica para trabalhar. Esse empenho, a meu ver, poderia aproximar melhor os usuários da máquina, auxiliar na leitura que faziam do computador e, dessa forma, quebrar um pouco da resistência, tão comum a certo grupo de pessoas (principalmente adultos) que inicia sua passagem de leitores do texto impresso para, também, leitores da tela. Além disso, todas as atividades que sugeria partiam de situações concretas e contextualizadas aos interesses do grupo. Eu sentia a necessidade de “ler” o computador, em um sentido um tanto freireano, um tanto benjaminiano.

Os materiais de referência traziam explicações vagas, carregadas de figuratividade e pouco objetivas, como “computadores são máquinas eletrônicas capazes de processar dados”. Como entender o que é processar? O que são dados, no sentido das tecnologias digitais? Quais os significantes possíveis para “salvar”,

“abrir”, “fechar”, “copiar”, “colar”? As escolas vão sempre precisar ensinar o aluno a usar um computador? Quem deve ensinar os alunos a usar o computador? O que deve ser ensinado?

Já havia atuado como técnica e professora de Informática, coordenadora de Informática Educacional, webdesigner. Comecei a sentir a necessidade de buscar respostas mais amplas para esses questionamentos.

Primeiras perguntas: pesquisadora das interações digitais

Quando cheguei na pós-graduação, os celulares já estavam mais parecidos com smartphones. No mestrado, ainda sem Whatsapp, o celular era cheio de música baixada. Ou se escutava música assim, ou pelos dispositivos tocadores de rádio e MP3. Discografia completa era o que eu costumava baixar nas redes P2P. Acumulei muitos gigas de arquivos e fiz amigos trocando música. Sempre tinha um “se você gosta disso, pode gostar disso também”.

Até aqui, a Internet parecia inofensiva e a gente ia se divertindo com os novos textos que surgiam, com as novas formas de interação, com as estratégias da TV e da mídia impressa para se adaptar.

No Orkut, das fotos de perfil, dos grupos e dos depoimentos, a Internet ainda não havia sido engolida pelas plataformas. No mestrado, realizado entre 2006 e 2008, eu já tinha ao meu alcance uma quantidade impensável de fontes e conteúdo acadêmico acessível. Também foi muito importante o acesso a dicionários bilíngues, e aos rudimentos dos tradutores online. No doutorado, cinco, seis anos depois, os tradutores já estavam mais consolidados e foram exaustivamente usados.

Um de nossos desafios era fazer com que os alunos checassem as fontes e conseguissem entregar um trabalho que não fosse totalmente CTRL+C, CTRL+V. As iniciativas pedagógicas que propunham alternativas ao copiar e colar eram premiadas. Não havia ainda sinal de notícias falsas produzidas em larga escala.

Minha pesquisa era offline: reprodução de material impresso em software específico. Eu acreditava, e a pesquisa mostrou que estava certa, que um bom navegador conseguia resultados mais eficientes na navegação e, portanto, no uso dos computadores para reprodução de um texto impresso (um cartaz).

A essa altura, queria muito ajudar pesquisadores a identificar alguém como "letrado digital". Para isso, desenvolvi, junto com o colega Marcelo Cafiero, uma matriz de letramento digital. Uma lista de descritores e habilidades que acreditávamos importantes para usar os dispositivos e interfaces digitais. Nossa crença estava fundamentada na ideia de que conhecer e descrever micro-habilidades de navegação é importante tanto para medir o letramento quanto para desenvolver atividades pedagógicas de letramento digital.

Nesse período, eu já tinha perfil em muitas redes sociais, há alguns anos. Minha conta no Flickr, rede social de fotografia, foi praticamente uma escola de fotografia, com fotógrafos com quem convivi e aprendi por praticamente dez anos. Foi quando

comprei minha primeira câmera digital e um mundo de cores, vida e enquadramentos se abriu. É desde esse tempo a formação de meu arquivo, hoje com centenas de milhares de imagens.

Nunca fui blogueira, mas mantinha um blog e um Tumblr, com conteúdo postado muito raramente. Entrei no Twitter em 2009, mas acho que só nas eleições de 2022 entendi realmente como funciona essa rede poderosa e complexa. Em 2011, houve a chegada avassaladora do Facebook. Rapidamente, tudo o que a gente fazia na Internet era dentro do Facebook. Era como se a internet estivesse se transformado nessa rede social. Ela engoliu os blogs, o Flickr, os Tumblr, entre outros. Fui totalmente engolida. Esqueci o Twitter, e, por um bom tempo, só usava a rede do Zurcker e o Flickr (esta muito pelos amigos que fiz).

Em 2012, lembro perfeitamente de usar muito as redes sociais (principalmente Facebook e Whatsapp) para fazer campanha para a presidente Dilma Rousseff, que se candidatava ao segundo mandato na presidência da República. Foi uma eleição apertada e muita controvérsia começou a surgir nas discussões em redes sociais.

A tensão só aumentou em 2013, com a grande convulsão social nas ruas, impulsionada pelas bolhas já estabelecidas nas redes sociais. Ouvi outro dia um jornalista dizer que as pessoas levaram seus posts para as ruas e não consigo pensar em melhor imagem para descrever o que se tornaram os protestos de 2013 no Brasil. Eu era (ainda sou) uma intensa usuária do Facebook e, por meio das interações e conteúdos compartilhados nessa rede, vivi um período muito difícil, talvez o primeiro de muitos outros que viriam depois.

Reagir, repensar, resistir

Em 2015, quando eu já estava no doutorado, ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, cidade onde moro. Estive vidrada nas redes sociais por um tempo importante, e desenvolvi uma verdadeira fixação por informações sobre esse trágico episódio. Além de me mobilizar como voluntária em diversas frentes de socorro às vítimas, busquei também ajudar com as tecnologias digitais.

Moradores das comunidades atingidas perderam, além das casas, modos de vida, familiares, seus dispositivos de comunicação. Sem celulares, era difícil registrar uma ocorrência de violação de direitos ou pedir ajuda de forma rápida. Com o auxílio de alguns amigos, conseguimos celulares (novos e usados), que foram doados para os atingidos. Era totalmente impensável limitar a narrativa do desastre.

Esse acontecimento transformou muitas pessoas em ativistas, inclusive eu. Criei um grupo de Facebook com milhares de pessoas, que era sem dúvida uma das principais fontes de informação direta do local do desastre. Muitas pessoas chegaram até mim por conta desse grupo, muitas pontes foram criadas. Ampliamos as ações para as ruas, com atos na praça da cidade todo mês, no aniversário do desastre. Criamos um jornal escrito pelos atingidos, o *Jornal A Sirene*, que existe até hoje, quase dez anos após o ocorrido.

Em 2018, nas eleições presidenciais, a força de um projeto internacional de desinformação e manipulação, com entrega de conteúdo por demanda (por bolha), senti medo. Senti que nunca havia olhado para como o mundo consumia conteúdo e interagira no digital de forma cuidadosa. Descobri pesquisas já realizadas há um tempo sobre como ocorriam as redes e projetos de desinformação.

Defendi minha tese de doutorado nesse ano de 2018, e até agora não consegui reagir à altura e pensar em novas formas de compreender como as tecnologias que criamos moldam e determinam nossa existência. Sinto que caminho para o trânsito de conteúdos entre plataformas distintas.

Vamos ter de entender muita coisa ainda. E repensar outras tantas também. Estivemos durante muito tempo vivendo sob regras construídas por grupos muito pouco representativos. Falo isso pensando tanto na política mundial quanto no Vale do Silício. Hoje sofremos a plataformização do mundo, cujas interfaces foram pensadas por homens brancos de classe média em um país colonizador.

E eu ainda não sei dizer o que é o digital. Apesar de já usarmos experiências digitais para explicar as analógicas (como deletar um sentimento), ainda não sabemos explicar o digital, nem figurativamente, de forma simples e objetiva. É muito perigoso lidar com algo que não conseguimos explicar o que é e como funciona.

Mais grave ainda do que não saber explicar, uma consequência, inclusive, dessa incapacidade, é não sabermos como existir a partir delas. Não conseguirmos nos defender de quem faz uso ilegal e criminoso. Desconfio que temos um conhecimento em camadas para ser desvelado, e que precisamos muito caminhar nesse sentido, para defender com clareza direitos fundamentais, e buscar regulações justas.

O mundo das plataformas pode ser um mundo de bem viver? Que poder semiótico e conhecimentos ainda nos faltam para não sermos tão afetados pelas plataformas ou para termos agência sobre elas? Ainda acredito no bem viver *com* as plataformas e dispositivos digitais, e não *apesar* delas.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS – CEFET-MG

DIRETORA-GERAL

Carla Simone Chamon

VICE-DIRETOR

Conrado de Souza Rodrigues

CHEFE DE GABINETE

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

DIRETORA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Lilian Aparecida Arão

DIRETOR DE GRADUAÇÃO

Moacir Felizardo de França Filho

DIRETORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Laíse Ferraz Correia

DIRETOR DE PLANEJAMENTO E GESTÃO

Flávio Luis Cardeal Pádua

DIRETOR DE EXTENSÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Patterson Patrício de Souza

DIRETORA DE GOVERNANÇA E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Carolina Riente de Andrade

DIRETOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Sandro Renato Dias

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO ESTUDANTIL

Leandro Braga de Andrade

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

CHEFE

Sérgio Roberto Gomide Filho

CHEFE ADJUNTA

Ana Elisa Ribeiro

BACHARELADO EM LETRAS – TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

COORDENADORA

Profa. Joelma Rezende Xavier

COORDENADOR ADJUNTO

Prof. Mariana Jafet Cestari.



COORDENADORA

Profa. Dr. Elaine Amélia Martins

VICE-COORDENADOR

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszyński (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

<https://www.led.cefetmg.br/>

led.cefetmg@gmail.com

AULA ABERTA

© Ana Elisa Novais, 2024.
© desta edição, LED, 2024.

COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro
Dra. Pollyanna de Mattos Moura Vecchio

EQUIPE

Alícia Teodoro da Silva (Mestranda em Estudos de Linguagens)
Carolina Vasconcelos (Mestranda em Estudos de Linguagens)
Vinícius Leite (Graduando Letras)
Stephanie Maria (Mestranda em Estudos de Linguagens)

SÉRIE

AULA ABERTA

COORDENAÇÃO E PROJETO EDITORIAL
Ana Elisa Ribeiro e Alícia Teodoro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Alícia Teodoro

CAPA
Ana Elisa Ribeiro e Alícia Teodoro

FOTO DA CAPA
Arquivo pessoal da autora

REVISÃO DE TEXTO
Vanessa Alves

Novais, Ana Elisa Costa

Ng36a Ana Elisa Costa Novais: tecnobiografia [recurso eletrônico]/
Ana Elisa Costa Novais. - Belo Horizonte: LED, 2024.

20 p. (Aula Aberta)
ISBN: 978-65-87948-47-8

1. Biografia. I. Título.

B920

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça, Campus I, sala 242
Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP 30.421-169
Telefone: +55 (31) 3319-7140

SÉRIE

TECNOBIOGRAFIAS AULA ABERTA

1 *Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva*

2 *Dorotea Frank Kersch*

3 *Carla Viana Coscarelli*

4 *Janaina Weissheimer*

5 *Ana Elisa Costa Norais*

